

**CARTAS DE HEINRICH VON KLEIST
A WILHELMINE VON ZENGE**

(10 e 11 de outubro de 1800)

Tradução do alemão por Carlos Alberto Gomes dos Santos
Revisão técnica da tradução por Lucia Ricotta e Florian Klinger

A WILHELMINE VON ZENGE.

Würzburg, 10 (e 11) de outubro de 1800.
(sexta e sábado)

Querida Wilhelmine! Com certeza pensas hoje em mim, assim como pensei em Ti¹ todo o 18 de agosto, não é verdade? – Ó, com que intimidade também penso agora em Ti! E que deleite indescritível é para mim esta convicção de que nossos pensamentos seguramente se encontram neste exato momento! Sim, hoje é meu aniversário, e para mim é como se ouvisse os votos que hoje Teu coração expressa secretamente para mim; é como se sentisse o aperto de Tua mão, que compartilha comigo, de uma só vez, todos esses anseios. Sim, todos esses anseios serão satisfeitos, estás certa disso; eu o estou. Quando um rei deseja nos condecorar, não significa que ele nos promete algo? Ele próprio detém em suas mãos a realização de sua vontade – Tu também, querida. Tudo que chamo de *felicidade* somente de Tua mão pode me vir, e se *Tu* me desejares tal felicidade, então poderei olhar tranqüilamente para o futuro, pois então seguramente a terei. *Amor e formação* é tudo que anseio, e como fico feliz de saber que a satisfação dessas duas necessidades essenciais, sem as quais não conseguiria mais ser feliz *doravante*, não depende do céu, que, como se sabe, não satisfaz os anseios dos pobres, mas *única e exclusivamente de Ti*.

Tu tens certamente minha última carta, escrita no início deste mês e que gostaria de chamar de *Carta Principal*, se em breve não surgir outra que seja mais importante – Mas, tu a tens mesmo? Talvez a recebeste nesses últimos dias, talvez a estás recebendo neste exato momento – ó se eu pudesse estar perto de Ti agora; se me fosse permitido explicar-Te esta carta incompreensível; se pudesse poupar-Te dos mal-entendidos,

¹ Nesta tradução, opta-se por manter a forma maiúscula do pronome *Du* (Tu) tal qual no original em alemão.

reprimir cada expressão indesejável de Teu sentimento no momento exato da formação – Não fiques zangada, querida, antes de me compreenderes *completamente*! Se Te ofendi, também compensei tudo com os mais preciosos sacrifícios. Permite-me a esperança de que me perdoarás, aí então terei a coragem de Te confessar tudo. Apenas ouve a minha confissão, e estou certo de que Tu não mais ficarás zangada.

Eu Te prometi numa carta que partiria deste lugar em 8 dias, ou que Te escreveria. Esse tempo já transcorreu, e a primeira opção ainda não foi possível. Não Te inquietes – minha viagem pode ser amanhã, depois de amanhã ou em qualquer dia que traga algo que tanto espero. Em seguida, explicar-me-ei mais claramente; deixemos isso por enquanto. Agora cumprirei minha promessa e Te enviarei, em meu lugar, pelo menos uma carta. Contenta-Te por ora com este substituto, logo o correio me enviará a Ti.

Mas sobre *nosso assunto principal* ainda não posso Te escrever nada mais, pois preciso saber primeiro como Tu recebeste aquela última carta. Portanto, falarei de outra coisa.

Minha alma se assemelha a uma escrivaninha de um filósofo que concebeu um novo sistema e que escreveu altos pensamentos (*Hauptgedanken*) isolados em papéis avulsos. Uma grande idéia (*grosse Idee*) – para Ti, Wilhelmine, paira ininterruptamente diante de minha alma! Eu já Te falei acerca dessa idéia essencial no fim de minha última carta e também em outro momento, numa folha solta. Não Te esqueceste ainda dela?

Certa vez, eu Te pedi que me disseses por escrito quais são as Tuas esperanças de felicidade num futuro casamento – Não adivinhas por quê? E como podes adivinhar isso! – Espero ansiosamente por essa carta que ainda não recebi de *Viena*. A primeira folha que compartilhaste comigo e que me proporcionou uma alegria inexprimível, se bem que agridoce, me arrancou de Teus braços e adiantou minha partida. Será que Tu sabes com que emoção eu a li no dia de nossa despedida, e com que ansiedade a trouxe para casa – ou tens idéia também de tudo que senti ao encontrar-me a sós com essa folha? Ela levou todo o meu coração para Ti, mas ao

mesmo tempo me arrancou irrevogavelmente de Teus braços. Se eu a ler novamente, ela certamente me levará de volta a tudo isso. Naquele tempo, eu não era digno de Ti; agora o sou. Naquele tempo, eu chorava por causa de Tua bondade, e porque eras tão nobre, tão digna de atenção, tão digna da mais alta felicidade; agora isso será meu orgulho e meu encanto. Naquele tempo, atormentava-me saber que não poderia corresponder a Tuas mais sagradas reivindicações, e agora, agora silêncio!

Agora, Wilhelmine, *eu* também Te direi quais são as minhas esperanças de felicidade num futuro casamento. Antes, isso não me era permitido, mas agora – ó Deus! Como isso me deixa feliz! Eu *descreever-Te-ei* a esposa que possa me fazer feliz *agora* – e essa é a *grande idéia* que em minha mente tenho de Ti. O empreendimento é grande, mas o objetivo também. Eu dedicarei a essa tarefa cada hora que minha situação futura me permitir. Isso dará novo encanto à minha vida e nos levará a ambos mais rapidamente à prova que nos aguarda. Em cinco anos, espero, o trabalho estará pronto.

Não receies, pois a esposa descrita *não será da Terra*, e só a acharei no céu. Em 5 anos eu me encontrarei com ela nesta Terra e a abraçarei com meus braços terrenos. Eu não exigirei do lírio que ele se lance às alturas, como o cedro, nem fixarei qualquer alvo ao pombo, como à águia. Não esculpirei uma figura numa tela, nem pintarei sobre o mármore. Eu conheço a massa que tenho diante de mim e sei para quê serve. É um minério de ouro puro e basta que eu separe o metal da rocha. Da natureza recebeu ressonância e peso, invulnerabilidade ao fogo, o sol do amor lhe dará brilho e fulgor, e após essa separação metalúrgica não me restará mais nada a fazer a não ser aquecer-me e banhar-me nos raios que seu espelho reflete sobre mim.

Eu mesmo percebo quão fraca é essa figura de linguagem para expressar o sentimento que me anima. Ó se pudesse compartilhar contigo ao menos uma centelha do fogo que arde em mim! Se Tu pudesses imaginar, como o pensamento de formar, algum dia, uma criatura completa a partir de Ti estimula toda a força vital em mim, impele cada habilidade, vivifica e ativa cada energia em mim! Tu mal acreditarás em mim, mas muitas vezes fico olhando da janela por horas e horas e vou a

10 igrejas e contemplo esta cidade de todos os cantos, e nada vejo, a não ser uma única imagem – Tu, Wilhelmine, e a Teus pés duas crianças, e em Teu colo, outra; e ouço como ensinas o mais novo a falar, o do meio a sentir, o mais velho a pensar; e como sabes transformar o capricho de um em constância, a teimosia do outro em sinceridade, a timidez do terceiro em humildade, e a curiosidade de todos em sede de conhecimento; vejo como, sem muito falar, Tu ensinas por meio de exemplos de coisas boas e como Tu lhes mostras com ilustrações próprias o que é virtude, e como esta é digna de amor –; acaso é de espantar, Wilhelmine, que eu não consiga achar as palavras para descrever *esses* sentimentos?

Ó, ostenta tal idéia como uma placa de diamante em torno do peito: *nasci para ser mãe!* Qualquer outro pensamento, qualquer outro anseio é rebatido ao tentar atingir esse arnês intransponível. O que mais a Terra poderia ainda Te oferecer como objetivo e que não fosse desprezível? Ela não tem mais nada que Te possa conceder algum valor, exceto a *formação dos nobres*. A isso se direciona Teu mais sagrado empenho! Essa é a única coisa que a Terra pode dever-Te algum dia. Dela não Te apartes antes que ela possa envergonhar-se por Te haver levado inutilmente por toda uma geração! Despreza todos os outros objetivos menores da vida. Somente este Te colocará acima de todos. Nele acharás a verdadeira felicidade, os demais só Te proporcionarão prazeres efêmeros. Ele Te inspirará a *atenção contigo mesma*, qualquer outra coisa só poderá agradar à Tua vaidade; e a partir do momento que Te apegares a esse objetivo, aí então recordarás a Tua juventude com complacência, e não como milhares de outras criaturas infelizes de Tua espécie, que lamentam nas horas amargas da solidão a perda da determinação e da felicidade.

Querida Wilhelmine, não quero que pares de Te adornar, ou de ir a alegres festins, ou de dançar; mas gostaria de imprimir à Tua alma a idéia de que há alegrias mais sublimes do que essas que nos sorriem do espelho ou do salão de dança. O sentimento de *ser belo no interior* e a imagem refletida em nós pelo espelho da percepção nas horas de solidão, esses são os únicos prazeres que podem acalmar completamente nossa intensa ânsia por felicidade.

Que tal pensamento possa Te acompanhar em cada passo, diante do espelho, nas festas, no salão de dança. Traz à moda, ou melhor, ao bom gosto, as pequenas ofertas que ele, não de forma totalmente injusta, exige das jovens moças; trabalha em Teus adornos, pergunta ao espelho se o labor foi bem-sucedido – mas apressa-Te com tudo e volta o mais rápido que pudeses ao Teu mais sublime objetivo. Vai ao salão de dança, mas sê feliz quando retornares de um prazer do qual somente Teus pés se deram conta; porém, o coração e o entendimento interromperam completamente sua pulsação vital, como se a percepção fosse quase apagada. Vai a alegres festins, mas escolhe sempre o melhor, o nobre, aquele do qual possas aprender algo – pois não podes perder isso em nenhum momento de Tua vida. Cada minuto, cada pessoa, cada objeto pode Te dar uma lição útil, se apenas souberes desenvolvê-los – mas disso falarei mais numa outra ocasião.

Assim, vamos ambos de mãos dadas rumo ao nosso objetivo, cada qual ao seu imediato, e ambos ao último, pelo qual ambos nos empenhamos. Teu objetivo imediato seja: *tornar-Te mãe*; e o meu: *tornar-me um cidadão*, e o objetivo final, pelo qual ambos nos empenhamos, e que podemos nos assegurar reciprocamente, seja: *a felicidade do amor*.

Boa noite, Wilhelmine, minha noiva, algum dia minha esposa, algum dia a *mãe* de meus filhos!

11 de outubro

Não quero fazer desta carta um livro, como da última, mas apenas Te comunicar brevemente algo antes da partida do correio.

Acho a região em torno desta cidade muito mais agradável agora do que quando me mudei; sim, estou prestes a dizer que a acho bela agora – e não sei se a região mudou, ou se o coração acolheu sua impressão. Quando me encontro na ponte de pedra sobre o Main, a qual separa a cidadela

da cidade, e contemplo a serpeante corrente que flui para cá, através de montanhas e prados em milhares de curvas, e passa por debaixo de meus pés, é como se eu estivesse suspenso sobre uma vida. Assim, gosto de ficar à noite nesse arco e deixo que a corrente de água e a corrente de ar murmurem ao meu encontro. Ou me volto e sigo o curso do rio até ele se perder nas montanhas, e eu próprio me perco em sutis contemplações. Um espetáculo é para mim particularmente muito notável. O Main segue seu curso e cruza a ponte, rápido como um raio, como se já avistasse seu alvo, como se nada pudesse impedi-lo de atingi-lo, como se quisesse impacientemente surpreendê-lo pelo caminho mais curto – mas o monte de vinhas amaina seu curso impetuoso, de forma suave, porém resoluto, como uma mulher o desejo tempestuoso de seu homem, e lhe mostra com uma rara constância o caminho que o levará ao mar e ele respeita o humilde aviso e acata a gentil instrução e abandona seu apressado alvo e não atravessa o monte de vinhas, ao invés, contorna-o com um curso tranqüilo, beijando-o com seus pés floridos.

Agora me agrada a visão, desde a montanha, de onde primeiro avistei Würzburg, e estou prestes a dizer que daqui deste ponto ela é mais bela. Eu a vi recentemente desde esta montanha no crepúsculo, não sem intenso (*inniges*) prazer. A altitude diminui gradativamente e ao fundo jaz a cidade. De ambos os lados, atrás dela, cadeias de montanhas se juntam num semicírculo e se aproximam amistosamente como se fossem dar as mãos, como velhos amigos após uma longa ofensa passada – mas o Main as atravessa como uma amarga lembrança, e elas hesitam, e nenhuma ousa dar o primeiro passo para o outro lado, mas ambas seguem lentamente a corrente que as separa, mudando as imagens melancólicas sobre esta barreira.

Ao fundo, dizia, jaz a cidade, como no meio dum anfiteatro. Os terraços das montanhas circundantes serviam de palcos, criaturas de toda sorte olhavam para baixo como espectadores tomados de alegria e cantavam e aplaudiam, e acima estava Deus, no palco celeste. E da abóbada da grande sala de espetáculos descia o lustre do sol e se escondia atrás da terra, pois uma peça noturna deveria ser encenada. Um véu

azulado cobria toda a região e era como se o próprio céu azulecido se afundasse na terra. Lá embaixo, as casas formavam massas negras, como as casinhas dum caracol, as pontas das torres se lançavam às alturas no ar noturno, como as antenas dum inseto, e o badalar dos sinos lembrava o canto rouco dum grilo e ao fundo o sol morria, mas brilhando rubro de encanto, como um herói, e a pálida luz zodiacal o cobria, como uma auréola a cabeça de um santo.

Anteontem, saí para escalar outra montanha na parte norte. Era uma montanha coberta de vinhas, e um atalho estreito entre as benditas videiras levava até seu cume. Não imaginava que a montanha fosse tão alta – talvez não fosse tanto assim, mas, nesse caminho, todas as pedras das montanhas foram lançadas à direita e à esquerda a fim de dificultar a subida, exatamente como o destino ou os homens o fizeram no meu percurso em direção ao objetivo que acabo de atingir. Essa notável analogia me fez sorrir, querida, Tu não sabes tudo que passei em Berlim, e em Dresden, em Baireuth, e até mesmo aqui em Würzburg, tudo isso seria assunto para mais uma longa carta. Naquele tempo, eu me irritava igualmente com as pedras que foram lançadas em meu caminho, mas não me abati, e até derramei ardentes gotas de suor, mas alcancei, como anteontem, o objetivo. A subida da montanha, assim como o caminho à virtude, é especialmente difícil quando se tem a visão diante de si. Três passos adiante, só isso, e nada além dos degraus que devem ser vencidos, e mal se passa por uma pedra, e eis outra logo em seguida, e cada passo em falso é duplamente doloroso, e rumina-se por assim dizer todo o labor, mas deve-se pensar na vista que se terá quando se tiver alcançado o topo. Oh que magnífico o vale do Main contemplado dessa altitude! Colinas e vales e águas, e cidades e aldeias, tudo emaranhado como a trama de um tapete! O Main corria ora para a direita, ora para a esquerda, e beijava ora uma colina coberta de vinhas, ora outra, oscilando entre suas duas margens, as quais lhe pareciam igualmente preciosas, como uma criança entre o pai e a mãe. O rochedo junto à cidadela lançava um olhar severo à cidade lá embaixo e a guardava, como um gigante guarda seu tesouro, e um caminho contornava as fortificações, como se fosse

um espião, e inspecionava cada bastião, como se quisesse reconhecê-lo, mas não ousava ir à cidade e sumia nas montanha.

Mas nenhum fenômeno na natureza pode me proporcionar alegria tão melancólica como uma tempestade matinal, especialmente se houver trovoadas. Há alguns dias, tivemos um espetáculo desses aqui – oh que cena magnífica! O temporal noturno ocorreu no oeste e estava furioso como um tirano, e no leste o sol iniciava sua escalada, calmo e silencioso, como um herói. A tempestade descarregava-lhe seus raios sibilantes e o emudecia com a voz do trovão, mas o astro divino se mantinha calado, e subia, e contemplava com majestade as agitadas brumas sob seus pés, e olhava com consolo para os outros sóis à sua volta como se quisesse apaziguar a seus amigos. E a tempestade lhe desferiu um último e terrível golpe de trovão, como se quisesse expelir de uma só vez toda a sua reserva de baba e bílis, mas o sol não vacilou em seu curso e se aproximou valente e galgou o trono celeste, e, tomada de pavor, a noite nublada começou a empalidecer e se dispersou como tênue vapor e mergulhou no horizonte, murmurando algumas fracas injúrias.

Mas, que dia seguiu àquela manhã! Suaves brisas me refrescavam, a folhagem murmurava docemente, grandes gotas caíam das árvores a longos intervalos, uma luz fraca se espalhava por toda a região, e toda a natureza parecia esgotada após esse enorme esforço, como um herói após o labor da batalha. Porém, não tive a intenção de escrever um livro, mas quero pura e simplesmente finalizar. Escreve-me, *se Tu puderes me perdoar*, e **envia a carta a Carl**, para que eu a receba já na minha chegada a Berlim. Eu Te direi mais então.

H.K.